



# neo

5

2 0 0 5

## FICHA TÉCNICA

---

Director: John Starkey

Director Adjunto: Hélder Medeiros

Corpo Editorial: Alice Resendes  
Carla Cook  
Karen Araújo  
Pedro Alvim Pinheiro  
Ricardo Tinoco

Colaboradores: Joseph M. Faria  
Richard Simpson

Capa: Michael Hudec  
Layout e Paginação: John Starkey  
Impressão: Coingra – Companhia Gráfica dos  
Açores, LDA.

Periodicidade: Anual  
ISSN: 1645-3913  
Depósito Legal: 180851/02

Toda a correspondência deve ser endereçada a:

Revista NEO  
Departamento de Línguas e Literaturas Modernas  
Universidade dos Açores  
Rua da Mãe de Deus  
9501-801 Ponta Delgada  
Açores – Portugal

Internet: [www.neomagazine.org](http://www.neomagazine.org)

Copyright © 2005 neo

O conteúdo dos trabalhos é da inteira responsabilidade dos autores. Todos os trabalhos foram publicados com a devida autorização.

Agradecimentos: Direcção Regional da Juventude, Emprego e Formação Profissional.

We shall meet in the place  
where there is no darkness.

—GEORGE ORWELL, *1984*



## SUMÁRIO

---

<b>PAULA DE SOUSA LIMA</b> .....	7
ANA LÚCIA	
<b>DAVID ALBAHARI</b> .....	18
O PAPA	
<b>MÁRIO ALBERTO MACHADO</b> .....	25
À BOCA CHEGA A VERGÔNTEA DE SANGUE	
AROMAS	
<b>RUI MACHADO</b> .....	27
EM FRENTE	
O QUE NOS PERTENCE	
VER E NÃO VER	
SARABAND	
<b>CATIA BENEDETTI</b> .....	31
O AVESSE, A PERFEIÇÃO	
<b>EDUARDO BETTENCOURT PINTO</b> .....	34
BREVE DIÁRIO DA PRAIA COM CARACÓIS VOADORES	
<b>GABRIELA FUNK</b> .....	42
SERÕES INESQUECÍVEIS	
<b>EDUÍNO DE JESUS</b> .....	66
GAIA CIÊNCIA	
A FLOR NA ÁGUA	
<b>MYRIAM JUBILOT DE CARVALHO</b> .....	68
ÁRVORES DE JOANESBURGO	
<b>NELSON MONIZ</b> .....	70
DIÁRIO	
<b>PEDRO LOPES</b> .....	72
DEAR MOM	
<b>FÁTIMA PISSARRA</b> .....	78
HISTÓRIAS PARA ADULTOS COM CRIANÇA DENTRO	
(EXCERTO)	
HOMENAGEM A PABLO NERUDA	

<b>PEDRO JAVIER CASTAÑEDA GARCÍA</b> .....	80
EL ECO VIRIL	
<b>JOSEPH M. FARIA</b> .....	83
HARD LOVE	
STRAIGHT TO THE HEART	
A LONG SHOT	
<b>AUTUMN GILES</b> .....	90
FICTION (?)	
<b>PETER MAKUCK</b> .....	92
PLAINSONG LEAVINGS	
COVE POINT	
WINDOW WASHING	
THE GAME	
<b>MARK LEVINE</b> .....	99
GRADE THREE	
ONTARIO	
BELONGINGS	
THEN	
<b>WILLIAM TROWBRIDGE</b> .....	106
FOOL ME ONCE	
THE PERFECT FOOL	
NOBODY'S FOOL	
FOOLIN' AROUND	
<b>TRICIA DOWER</b> .....	110
DISAPPEARING ACTS	
<b>SOBRE OS AUTORES</b> .....	124



## DAVID ALBAHARI

---

### O PAPA

Quando o Mendoza se benze perante as câmaras de televisão, à saída do relvado, o Papa, empolgado, endireita-se na poltrona. Olha ao seu redor, mas os cardeais dormem serenamente nos seus confortáveis cadeirões. O Mendoza desaparece do ecrã. Nesse instante, o Papa sente de novo o peso da solidão. Entretanto o jogo continua, e ele sucumbe às paixões irracionais do futebol.

...

O Papa gosta de conversar com os soldados. Eles contam-lhe histórias de lugares distantes que nunca visitou. Muito gostaria de ser soldado—pensa o Papa, detendo-se em frente das tropas em parada. Os soldados chegaram de longe. Estão sujos, empastados com suor e sangue. Alguns dificilmente se aguentam de pé, outros dormitam, amparados pelas armas. Soldado—o Papa dirige-se a um soldado magricela e repara nos pêlos adolescentes por cima do lábio—podes dizer-me que tal é Jerusalém? O soldado tenta fazer peito, e o Papa nota como os músculos tremem de esforço e exaustão. Quando lá cheguei—diz o soldado—só vi cinzas.

...

Ao deambular por corredores intermináveis, o Papa repara pela primeira vez na simetria da repetição. Ao levantar a cabeça, vê arabescos, o significado dos quais não consegue imaginar. Porque é que tudo terá que fazer sentido?—pergunta-se o Papa num sussurro, mas de imediato fecha a boca e olha rapidamente à sua volta. Hoje em dia até as paredes têm ouvidos.

...

O Papa acorda cedo. A janela está aberta, o ar fresco, o céu azul. Levanta-se, tropeçando na camisa de noite, e apercebe-se de um pássaro

no parapeito. Regressa à mesinha de cabeceira, mas não encontra restos de pão da noite anterior. Passarinho—diz o Papa—espera um momento que chamo alguém para trazer um bocadinho de pão? O pássaro não responde. Preferes trigo ou milho? O pássaro permanece emudecido. O Papa pega no telefone e liga para o celeiro do Vaticano. Uma voz sonolenta atende—Estou. Há milho no celeiro?—pergunta o Papa. Quem pergunta?—questiona a voz. Não tem importância—responde o Papa e desliga.

...

Por muitos anos ele não se apercebera da existência de espelhos. Um dia levaram-no a uma sala onde inúmeras superfícies lisas reflectiram o seu rosto. Nesse momento o Papa imaginou um mundo repleto de Papas e satisfeito estalou a língua. De seguida chamou o homem dos concertos e mandou-o retirar todos os espelhos. No sótão, o Papa guardou um espelho do qual ninguém tinha conhecimento.

...

Se há algo que ele odeie é as manhãs. Sempre que acorda, parece que encontra a sua camisa de noite completamente enroscada até ao pescoço. Prefiro dormir em pijamas—diz o Papa e, zangado, bate o pé no chão. Os cardeais entreolham-se. E também estou farto desta touca—berra o Papa atirando a touca pelo ar. A touca cai em cima dos chinelos de seda, um presente do embaixador Turco. O nosso regulamento não permite tal situação—diz um cardeal, ganhando coragem. Regulamentos, pensa o Papa, que diabo. Eu deveria ter continuado um simples padre de aldeia.

...

O Papa escreve poemas. Um jornalista pergunta-lhe: No seu caso pessoal poderíamos mesmo falar de inspiração divina? O Papa leu *O Fausto*, e apercebe-se onde o seu interlocutor quer chegar com a questão. Obviamente não responde. O cardeal, porta-voz para a imprensa, intervém: Outras questões? O Papa sente as pérolas de suor na testa como se fossem o toque de dedos gélidos.

...

Reuniões matinais, almoços oficiais, preparativos para o próximo dia—só ao fim da tarde (antes e depois das Vésperas) tem o Papa um pouco de tempo para si próprio. Senta-se à janela e olha o céu. De tudo o que lá avista a sua preferência recai nas nuvens. Cada nuvem apresenta uma forma diferente. Um assemelham-se a algo familiar, outras a algo prestes a ser inventado, outras ainda sugerem mundos distantes, e outras dissolvem-se ao serem observadas. O som de passos, oriundo das profundezas do palácio, pertence a um jovem monge que traz o penico ao Papa. O Papa teria prazer em conversar com o rapaz, mas o rapaz cortou a sua própria língua como oferta a Deus de todos os seus pensamentos. Que estupidez, pensa o Papa. O monge coloca o penico atrás da porta, cobre-o com um rico pano bordado, faz a vénia e desaparece.

...

O Papa está só. Nada lhe interessa. Folheou o Evangelho mas não encontrou uma única passagem que não soubesse de memória. Poderia telefonar a alguém... Mas quem? Costumava entreter-se a ligar números ao acaso e depois ria-se de soslaio quando a voz irada (masculina ou feminina) rosnava: Está! Está! Quem é? Todavia o Papa sente que os tempos dessas brincadeiras estúpidas já passaram. Agora prefere imaginar um mundo em que existem dois Papas. Teria então parceiro para jogar dominós ou xadrez. Imaginem se existissem três. Cartas!

O Papa dirige-se à escrivaninha, liga o computador, e escreve a questão: Quando é o próximo conselho ecuménico? O computador responde: No ano 2012. O Papa escreve: Mas eu não estarei vivo nessa altura. Você não—responde o computador—mas o Papa sim.

...

É este o meu verdadeiro rosto?—pergunta-se o Papa, debruçado sobre a pia. É difícil discernir o que realmente ocorre na superfície enrugada da água, mas ele acredita que tem sobrancelhas grossas, pestanas longas, e olhos azuis. Com uma mão cheia de água molha o rosto. Quando a superfície da água se imobiliza, quando por fim se pode examinar, está convencido de que os seus olhos são escuros.

...

O Papa passeia-se no jardim. O jardim está rodeado por um muro alto. Sempre que chega ao muro ele escuta. Nada ouve. Nenhum som chega do outro lado do muro. Talvez lá fora não exista nada, pensa o Papa. Talvez eu esteja só no mundo. Maças e pêras caem à sua retaguarda; fruta amadurecida cai na relva aparada. Ei—grita o Papa—está aí alguém? Silêncio, silêncio, nada mais que silêncio.

...

Uma vez, no meio de um sermão, num momento de tranquilidade solene, quando o Papa se preparava para levantar o dedo indicador e enfaticamente concluir uma frase, levantou-se um dos fiéis e numa voz trovejante perguntou: Como é possível que o Papa saiba a verdade sobre a vida familiar? Quem tem esposa e crianças? Ele ou nós? Como a questão não foi dirigida directamente ao Papa, o Papa—à semelhança das restantes pessoas—olhou em seu redor, contudo ninguém se preocupou em responder. Talvez deva sugerir uma resposta, pensou o Papa, mas nesse momento reparou no seu dedo indicador, levantado. Nunca tinha visto o seu dedo tão iluminado! Isto é um sinal divino, pensou o Papa. Sem expectativa manifesta, deu volta ao pescoço para espreitar a cúpula. Estava escuro lá nas alturas, mesmo muito escuro, e tinha receio do escuro. Aproximou o dedo do rosto, cautelosamente, como se manejasse uma tocha, e desmaiou.

...

O Papa tem a certeza que a vida não tem princípio ou fim. Simplesmente muda de características: hoje somos isto, amanhã somos aquilo. Ele, claro, não sabe explicar como ou porquê o número de pessoas no mundo continua a aumentar. Será que a quantidade de vidas se manteve, encontrando expressão num maior número de seres humanos? Quer isto dizer que as pessoas são mais numerosas graças à extinção de certas espécies animais? Talvez eu tenha sido um pássaro dodó, o Papa entretém-se com essa ideia. Imagina-se numa das ilhas do Oceano Índico, e vê os conquistadores espanhóis e holandeses encaminhando-se na sua direcção com um sorriso matreiro e uma espada desembainhada. Não se aproximem—avisa-os—eu sou o Papa! Mas o espanhol é destro, experimentado; sabe, assim como o holandês,

RUI MACHADO

## O QUE NOS PERTENCE

Água Chão Caminho, nada disto te pertence  
Nem o céu da manhã te diz seja o que for  
Enquanto Deus não chegar com o seu rosto.  
As palavras são apenas formas  
Formas de ser e de não-ser  
Mas apenas formas.  
Só o que fazes constrói o fim do que tu és  
Mas até o teu nome com suas mil vidas não te pertence.  
Certas coisas o vento leva-as todos os dias  
Desvanecidas pelo rumor das horas  
Sempre mais longe, mais longe, mais longe.  
Existir é ser por um instante a memória de quem passa  
Mas o simples que tens, esse se multiplica.  
Toma e reparte pela cidade tão pequena.

*para Filomena Marona Beja*

## VER E NÃO VER

Só a natureza se manifesta inequívoca pela maneira pulsátil.  
O uno e o múltiplo que desfilam pelo nosso espírito  
São as duas partes do seu Quem.  
Estando embora em si  
Ninguém está, plena  
E continuamente, em si.  
Somos um peculiar tipo de matéria que se reitera  
Compelidos a decidir entre ser e estar  
Presença e ausência.  
Até que a forma remida reencontre  
Portanto  
Seu modo de infinito,  
Nenhum termo conclusivo nos altera  
Na claridade luminosa que nos toca.

JOSEPH M. FARIA

hurt the ones he loved. But he didn't like this feeling. He didn't like it at all. This was not who he was, but he couldn't stop the transformation. He felt like a thief. Yes, a thief, stealing all the affection, all the pity from the ones he loved, and like a thief he could not give it back. He would take and take until it was sucked dry, and only then, when his mind and heart were spent, and the rage turned to self-pity and he was left with a profound remorse, did he let himself cry.

"Timmy? Timmy?" his brother Billy moaned behind the door. He heard his brother rattle the doorknob, but his brother was too small, too weak to open it.

Tim's mind filled with darkness, and now he was truly afraid. "But I didn't do anything," he said to himself. "I didn't do anything," he shouted. "I didn't do anything."

And no matter how much his brother cried, or pulled on the door, or begged papa to set him free, Tim knew he would have to wait for his mother to come home. And ten minutes before her arrival, his father would open the door, and before Tim could escape into the light and warmth and feel safe, his father would stop him and threaten something worse, and his father would say, "Remember, it's a game we play. Hide and seek, boy."

Tim brought his knees up to his chest and waited. The wind whistled and rattled the basement windows. A heavy silence settled on the other side. He stared at the sliver of light that crept in through the bottom of the door. He tried to touch the light with his fingers. And he thought about his mother at the factory. And he imagined her standing, pushing buttons at a machine, and the beads of sweat on her forehead, and her beautiful, long black hair, and her fingers, round and smooth, and the touch of her hand, and the smell of her body when she hugged him, when she picked him up into her arms, and he cried softly to himself, and he waited, and he waited, but not for his mother, no, not for his mother, but to feel alive with rage again—to lash out with love. A hard love. The kind of love that endures.

## STRAIGHT TO THE HEART

It was a bitter cold winter morning when the snow crunched and squeaked beneath Tim's shoes. He was on his way to school. Tim had no gloves on. When he walked out of the house after his mother had bundled him up with a hat, scarf, earmuffs, and gloves, the first thing he did was to remove the gloves and ball his hands into tight fists. He knew when he woke up and heard the wind howl and shake the house with its giant, icy hands that he would take off his gloves. No matter how cold it was, he was going to take off his gloves and walk the quarter mile to school.

"I hope you die," he said to his hands, and then he felt that aching pain, the same as he felt the night before when his mother came home from shopping with that wide smile on her face, that simple glee that she had bought something he would like, that innocent smile, and those big, bright brown eyes that said she'd found a sweater he'd wear, and he'd said no, no, he wouldn't wear such an ugly thing.

Why do you have to buy me clothes? I told you I want to buy my own.

But it's such a pretty color, she'd said.

I don't like pretty colors. I won't wear pretty colors. And when she handed him the bag with the sweater in it, he had thrown it to the floor.

Take it back, he shouted. Aren't you listening to me? But as soon as he heard the heavy, labored steps coming up from the basement, he ran upstairs to his room and braced himself for his father's storm, but it never came. Instead, he heard loud shouts, screams, the bag tearing, and then a rush of anger filled his eyes with hate, to run down, to stop the shouting, to stop the screaming, to pound on his father's chest. It was me, it was me. Stop. Stop, he'd shout. Then silence, except for the light, slow steps of his mother on the staircase. When she reached the top of the stairs, he wanted to jump out of bed and run to her and hold her and smell her and say he was sorry. He didn't. Instead, for one brief moment he felt an overwhelming frightening urge to hurt her, to feel the power.

I'm sorry, his mother whispered in the dark.

PETER MAKUCK

## WINDOW WASHING

*All activities have their shadow sides*

—JANWILLEM VAN DE WETERING

I've got my squeegee, rags, and paper towels.

Our oaks are manic with the pips and squeaks  
of chickadees—riffs on a forgotten air.

But today they won't come to the feeders.

I spray and wipe, standing back to spot  
those spots my father called *holidays*—  
nothing festive or surprising to note,  
just a lapse that catches unawares,

a face on the shadowy glass, sullen  
for maybe a week, coming into focus.  
Drag the blade, rub the image away,  
let that pine bough renumber its needles.

The pane squeaks. Birds have silenced themselves—  
a quiet so deep I can hear the fridge  
click on downstairs, an urgent whisper  
from Phyllis calling me to the kitchen.

At the top of a dead pine, forty feet off  
is a Cooper's hawk, but we don't know that,  
not until we take turns with the field guide  
and binoculars and read to each other

about the female's breast being white  
streaked with brown, just as this one is,  
and how songbirds are high on her menu.  
Minutes stretch on without sound.

In the lenses it seems I could touch her  
    where she sits for maybe ten minutes, letting  
us look at the hooked beak and locked talons  
    that hold me fast where I am—kitchen and

Phyllis, everything gone. I am outside  
    looking in at the man wearing glasses,  
behind glass, making circles with a white rag,  
    trying to rub anger away. I blink

and the branch is suddenly bare.  
    Safely into other chores, I keep thinking  
about chickadees, how fast, how they dart  
    and swerve, how the guide has to be wrong.

Before dinner, she appears on our fence.  
    I grab for the glasses. At first it seems  
she's cleaning her feet, or ripping petals  
    from a rose until the focus comes clear—

a black-capped head hanging down, and the hawk's  
    darkpointed eyes making it hard to say  
for a moment where I stand, hard to know  
    whether I'm the seer or the seen.

MARK LEVINE

## BELONGINGS

We were there yet  
sizing up the scenery  
through the spokes of  
the one wheel moving  
this way, the other  
that. There were four  
corners of us promenading  
in the sensation of  
walking boots. The countryside  
yielded a desert flower  
on which a bee  
reeled in the rain.  
A mill wheel spun.  
This was a place  
we were in it  
in sensation going there.

Did I speak of the shadow the sun made of us  
on the road at the cattle  
crossing where the roof  
of the farmer's shed was dented  
by apples and the girl  
stood between us and her rake?  
Who was the speaker  
(hand in a bowl of dates)  
believing the leaves to be  
a diagram worn by the land  
sweeping over his home?  
Which piece of him dug at the  
orchard with his unshod  
heel and came upon  
a desert? a fig tree? frozen pond?  
stockyard? quarry?  
hut in the woods?  
window shuttered against wind?

We were  
people with our belongings.  
We watched the animal eat its fuel.

The leg of the speaker  
rends its trouser-leg  
on a thorn of the raspberry bush  
in which it bends for the hand to steal  
from nature.

The throat of the speaker  
sings the role of the girl  
in the wanderer's song of the farmgirl  
down by an icon in  
a roiling field.

The others on the road  
people with their belongings  
who heard him knew  
exactly the girl  
in the field he meant.

## SOBRE OS AUTORES

---

AUTUMN GILES lives in New York.

CATIA BENEDETTI nasceu em Perugia (Itália). Vive desde 1987 nos Açores. Ensina Literatura Italiana e é responsável pela Secção de Estudos Italianos da Universidade dos Açores. Publicou numerosos ensaios críticos e traduções.

DAVID ALBAHARI é escritor e tradutor. Nascido a 1948 na antiga Jugoslávia, reside actualmente no Canadá desde 1994. Já publicou dezoito livros de ficção em língua Sérvia. Em 1982 foi galardoado com o Prémio Ivo Andri pelo seu livro *Opis smrti* e, em 1997, recebeu o Prémio NIN para o melhor romance jugoslavo, *Mamac*. Apesar de estarem já traduzidas em várias línguas, as suas obras não se encontram ainda traduzidas em português.

EDUARDO BETTENCOURT PINTO nasceu em 1954, no sul de Angola, e vive actualmente no Canadá. Para além dos livros publicados em poesia e ficção, tem colaborado em jornais e revistas da diáspora norte-americana e europeia. Entre as suas publicações mais recentes, encontram-se *A Casa das Rugas* (2004), *Águas de Soledade* (2004) e *Tango nos Pátios do Sul* (1999/2001).

EDUÍNO DE JESUS nasceu em 1928 e é natural da freguesia de Arrifes, São Miguel. Licenciado em Românicas, leccionou durante largos anos na Faculdade de Letras de Lisboa. Colaborou em diversos dicionários de cultura e literatura, tendo também publicado vários livros de poesia. Actualmente, aguarda publicação da antologia poética *Os Silos do Silêncio*.

FÁTIMA PISSARRA nasceu em Lisboa, em 1952. É licenciada em Filologia Germânica e Ciências Pedagógicas e Didácticas, pela Faculdade de Letras de Lisboa, e é professora desde 1974. Desde os anos 80, promove intercâmbios escolares entre escolas estrangeiras e portuguesas. Como formadora na área da Defesa do Património, foi a representante portuguesa nos encontros internacionais da UNESCO sobre o tema. Publicou um romance e vários livros de poesia.

GABRIELA FUNK é professora auxiliar do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade dos Açores. Está a coordenar um novo adagiário popular açoriano, *Pérolas da Sabedoria Popular Portuguesa*, o qual conta já com três volumes publicados. É co-autora de um manual de língua gestual portuguesa, intitulado *A Magia do Silêncio: Como falar com as mãos* (1999), de *Explicações de Português* (Editora Asa, 2004) e autora de *Os agentes da ordem gramatical – peça em 3 actos* (Asa, 2005).

JOSEPH M. FARIA's books are *From a Distance* (1998) and *The Way Home* (2003). His work has been published in numerous venues, print and on-line, and is forthcoming in *Gator Springs Gazette* and *The Front Porch*. He was born on the island of Sao Miguel (Azores) and lives in Warren, RI.

**MÁRIO ALBERTO MACHADO** nasceu no Porto a 1979 e vive actualmente em Varsóvia, Polónia. Licenciado em Filosofia pela Universidade dos Açores, é mestre em Estética e Filosofia da Arte.

**MARK LEVINE** has written three books of poems, *Debt* (1993), *Enola Gay* (2000), and *The Wilds*, which will be published in 2006 by the University of California Press. He teaches at the Iowa Writers' Workshop.

**MYRIAM JUBILOT DE CARVALHO**, professora do 2º ciclo, é licenciada em Filologia Românica. Os seus trabalhos em poesia têm sido publicados em diversas colectâneas, tais como *Anuário de Poesia*, de Assírio & Alvim. Em 1992, foi premiada no primeiro concurso nacional de conto, promovido pela Câmara Municipal de S. Pedro do Sul. Myriam Jubilot de Carvalho é pseudónimo.

**NELSON MONIZ** nasceu em 1961, na freguesia de S. Brás, em S. Miguel, vivendo actualmente no Algarve. Professor do Ensino Básico, é mestre nas áreas do “soneto” e do “diário”.

**PAULA DE SOUSA LIMA** é natural de Lisboa e tem ascendência açoriana. É licenciada em Português- Francês e mestre em Literatura Portuguesa, pela Universidade dos Açores, leccionando, actualmente, nessa mesma universidade. Publicou vários artigos em revistas e jornais sobre questões de língua e literatura, sendo co-autora da obra *Explicações de Português*, da Editora Asa.

**PEDRO JAVIER CASTAÑEDA GARCÍA** (Isla de La Palma, 1960) comparte el tiempo entre la vida académica, en la Universidad de La Laguna, y otras actividades culturales. De formación humanista, en Ciencias Sociales, ha publicado dos libros de poemas, *Las Orillas del Verbo* (2001) y *En Cardinal* (2004). Últimamente, ha organizado desde el Ateneo de La Laguna diversos ciclos temáticos interdisciplinares sobre poéticas personales y sobre algunos rasgos bioculturales comunes de los Archipiélagos de la región denominada Macaronesia (Azores, Madeira y Canarias).

**PEDRO LOPES** nasceu em Tondela, em 1972. Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (variante de Português e Inglês) pela Universidade dos Açores, lecciona Português numa escola em São Miguel. Não só colaborou em várias revistas estudantis, como publicou poesia em jornais açorianos, tendo, mais recentemente, figurado na 3ª edição da revista NEO com o conto “Piano Momento”. A sua participação com o conto “O Laranjal” no II Concurso de Poesia, Conto e Ensaio Literário da Universidade dos Açores valeu-lhe uma menção honrosa.

**PETER MAKUCK**'s stories and essays, poems and reviews have appeared in *The Hudson Review*, *Poetry* and *The Sewanee Review*. Author of five volumes of poems, he has edited *Tar River Poetry* at East Carolina University for twenty-seven years. *Off Season in the Promised Land*, a new volume of poems, will be published by BOA Editions, Ltd. in fall 2005. His short story collection, *Costly Habits* (University of Missouri Press, 2002) was nominated for a Pen/Faulkner award. He lives with his wife Phyllis on Bogue Banks, one of North Carolina's barrier islands.

RUI MACHADO nasceu em 1966, na ilha Terceira (Açores), onde publicou os primeiros poemas. Licenciado em História e Filosofia pela Universidade dos Açores, é professor, poeta, pintor e tem colaboração dispersa em revistas e jornais, tendo publicados os livros: *Um Homem Para Ser Feliz* (1988), *A Língua dos Frutos e dos Peixes* (1995) e *A Ausência Próxima* (2003). Tem sido convidado a participar em encontros internacionais de escritores e encontra-se representado em antologias de poesia em Portugal e no estrangeiro. Tem musicados alguns poemas, como por exemplo “Fado da boa sina”, (António Chainho, *A Guitarra e Outras Mulheres*) e “Canção do tempo” (Madredeus, *O Porto*).

TRICIA DOWER has been writing fiction for three years. In Canada her work has appeared or is forthcoming in *The New Quarterly* and *Room of One's Own*. In the U.S., a story will appear in *Big Muddy: A Journal of the Mississippi River Valley*. She is working on a collection of stories inspired by Shakespeare's women. She and her husband Colin live in Toronto.

WILLIAM TROWBRIDGE's books are *The Complete Book of Kong* (2003), *Flickers* (2000), *O Paradise* (1995), and *Enter Dark Stranger* (1989). His poems have appeared in such periodicals as *Poetry*, *The Gettysburg Review*, *The Iowa Review*, *The Georgia Review*, *Boulevard*, *The Southern Review*, and *Prairie Schooner*. Now living in Lee's Summit, MO, he will be on the faculty of the University of Nebraska low-residency MFA in creative writing program when it starts in the fall of 2005.

#### CAPA:

MICHAEL HUDEC, pintor norte-americano radicado nos Açores desde 1980, é um dos mais conhecidos expoentes das técnicas realistas na arte açoriana. Desde 1986, tem feito exposições individuais nos Açores com quadros intimistas que utilizam o naturalismo e o realismo como veículo do subconsciente.



**Autumn Giles**  
**Catia Benedetti**  
**David Albahari**  
**Eduardo Bettencourt Pinto**  
**Eduino de Jesus**  
**Fatima Pissarra**  
**Gabriela Funk**  
**Joseph M. Faria**  
**Mario Alberto Machado**  
**Mark Levine**  
**Myriam Jubilot de Carvalho**  
**Nelson Moniz**  
**Paula de Sousa Lima**  
**Pedro Javier Castañeda García**  
**Pedro Lopes**  
**Peter Makuck**  
**Rui Machado**  
**Tricia Dower**  
**William Trowbridge**

ISSN 1645-3913

